

RESUMO

“Da placa gravada à matriz esquecida: repensar os fundamentos materiais da cartografia moderna”

Michel Chevalier

Investigador Independente - Projeto *Cartography of Absence*

michel.r.chevalier@hotmail.fr

Esta comunicação propõe uma reflexão sobre o estatuto material e intelectual das matrizes cartográficas gravadas em cobre utilizadas na produção de mapas entre os séculos XVI e XVII.

A ideia central desta investigação é que estes objetos desapareceram progressivamente não apenas por razões técnicas ou económicas - reutilização do cobre, refundições, transformações de oficinas, grandes incêndios como o de Blaeu em 1672 - mas também porque foram historicamente percebidos apenas como placas, isto é, como instrumentos, suportes ou reservas de metal, e não como verdadeiras matrizes geradoras da construção visual do mundo moderno.

Estas matrizes gravadas ocuparam, no entanto, um lugar central na produção e circulação do saber geográfico na Europa moderna. A cartografia conservou os mapas, mas parece ter quase esquecido os próprios objetos que os tornaram possíveis.

A investigação teve origem numa matriz cartográfica adquirida no Brasil em 1990: elemento desencadeador, não objeto de demonstração. Transformou-se num recenseamento internacional que mobiliza várias centenas de instituições e correspondentes - bibliotecas nacionais, arquivos, museus, universidades, serviços hidrográficos, laboratórios de conservação e leiloeiras -, interrogados segundo um protocolo uniforme e, quando possível, na sua língua. Uma primeira contribuição foi publicada pelo Consortium of European Research Libraries em agosto de 2026.

As respostas reunidas estabelecem três constatações. Antuérpia conserva um corpus do século XVI, inventariado e publicado, que sobreviveu por continuidade industrial da oficina. Noutros lugares, os conjuntos importantes conservados revelam-se quase todos posteriores, e na maioria dos casos dos séculos XIX e XX. Várias instituições, em países diferentes, declaram por fim que os seus instrumentos de descrição não descem até este tipo de objeto: não podem, por isso, confirmar nem infirmar a sua presença nos seus fundos. A ausência estudada não é apenas a dos séculos XVI e XVII: decorre também do modo como estes objetos são - ou não são - descritos.

Sobre esta base, a comunicação abre quatro pistas. Primeiro, uma taxonomia do apagamento, que distingue destruição, refundição, trajetória institucional, invisibilidade documental e viés historiográfico, e mostra que estas causas quase sempre se sobrepõem. Depois, uma questão de vocabulário com consequências catalográficas: *placa* designa uma matéria, *matriz* designa uma função, e a escolha do termo comanda a própria possibilidade de reencontrar o objeto. Em seguida, um ponto de método: a resposta negativa tratada como um resultado, a verificação nos fundos distinguida do conhecimento institucional. Por fim, um quadro de descrição partilhado - vocabulário, grelha de assinalamento, registo das respostas negativas - destinado a tornar estes objetos localizáveis de um fundo para outro.

Os limites são declarados juntamente com os resultados: o recenseamento não é aleatório nem exaustivo, e o seu apuramento concluir-se-á na primavera de 2027. De forma mais ampla, esta comunicação procura reabrir a reflexão sobre os fundamentos materiais esquecidos da cartografia moderna e sobre aquilo que o desaparecimento destas matrizes pode revelar acerca da memória técnica da Europa moderna. Propõe considerá-las por aquilo que são: **a metade esquecida da cartografia.**

Palavras-chave: História da cartografia, Matrizes cartográficas gravadas, Materialidade cartográfica, Cultura da gravura
